

REVISTA BATISTA PIONEIRA

BÍBLIA ▪ TEOLOGIA ▪ PRÁTICA

ONLINE ISSN 2316-686X - IMPRESSO ISSN 2316-462X

Vol. 10 ▪ n. 1 ▪ Junho | 2021

TIAGO 5.13-18: UMA ANÁLISE EXEGÉTICA

JAMES 5.13-18: AN EXEGETIC ANALYSIS

Me. Gustavo Albernaz Dias Carreiro¹

RESUMO

Esse trabalho apresenta uma análise exegética histórico-gramatical do texto de Tiago 5.13-18. Neste trabalho apresenta-se o método histórico-gramatical, as principais características da carta de Tiago, a delimitação do texto e a exegese da perícope. Por fim, é apresentada uma síntese com a mensagem deste texto para o leitor contemporâneo.

Palavras-chave: Exegese. Método histórico-gramatical. Carta de Tiago. Tiago 5.13-18. Oração. Unção com óleo. Confissão de pecados.

ABSTRACT

This paper presents a historical-grammatical exegetical analysis of the text of James 5.13-18. This work presents the historical-grammatical method, the main characteristics of James's letter, the delimitation of the text and the

¹O autor é mestre em Teologia pelo programa de mestrado profissional da FABAPAR; graduado em Teologia pela Faculdade Batista do Rio de Janeiro (STBSB/FABAT). E-mail: gustavo.greenfruit@gmail.com.

exegesis of the pericope. Finally, a summary with the message of this text for the contemporary reader is presented.

Keywords: Exegesis. Historical-grammatical method. Letter from James. James 5.13-18. Prayer. Unction with oil. Confession of sins.

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo apresentar uma análise exegética do texto de Tiago 5.13-18. Primeiramente, fez-se um detalhamento da metodologia que seria utilizada neste trabalho, a saber, o método histórico-gramatical. Apresentou-se esse método e os seus devidos passos.

Em seguida esse artigo concentrou-se em apresentar a carta de Tiago, a sua autoria, sua possível datação e como ela se apresenta estrutural e estilisticamente. Após isso, explicou-se a delimitação do texto de Tiago 5.13-18. Passando a delimitação foi apresentado o texto em grego e uma tradução destes versos.

Após essas considerações, este trabalho concentrou-se em explicar exegeticamente cada um dos versículos, que apesar de falarem sobre temas como a unção com óleo e a confissão de pecados, tem como o seu principal assunto e foco a oração. Por fim, é apresentada uma síntese contendo a mensagem deste texto para o leitor contemporâneo.

1. QUESTÕES INTRODUTÓRIAS

1.1 METODOLOGIA

Segundo Kunz, o método histórico-gramatical busca encontrar o significado de um texto a partir do que suas palavras expressam em seu sentido simples, tendo como base seu contexto histórico de escrita. A interpretação é feita de acordo com regras semânticas e gramaticais comuns à exegese de qualquer outro texto literário.² E Lopes complementa dizendo que este método também tem como pressupostos a inspiração, a veracidade e a unidade do cânon bíblico, além de buscar nas pesquisas modernas de ciências correlatas algo que possa auxiliar à interpretação do texto bíblico.³

Os princípios do método histórico-gramatical já podem ser observados

² KUNZ, 2015, p.12.

³ LOPES, 2005, p. 137.

na Escola de Antioquia e, foram retomados, na Reforma Protestante⁴, Zuck afirma que “seus principais nomes, Lutero e Calvino se utilizavam deste método, diziam que a Escritura era intérprete de si mesma, rejeitavam a alegoria e procuravam no texto aquilo que o texto transmitia”.⁵

Alguns passos são necessários para se utilizar o método histórico-gramatical. O primeiro deles é a familiarização com o texto, com suas palavras, expressões e a linha de pensamento que se encontra no texto. Dentro deste passo é necessário que se delimite o texto, isto é, onde a perícopé se inicia e quando termina. Em seguida se faz a crítica textual, isto é, decidir com qual material, entre todas as variantes textuais, se irá trabalhar (no caso deste trabalho será o *Novum Testamentum Graece*, vigésima oitava edição de Nestle-Aland). Em seguida é necessário que se faça a tradução da perícopé para a língua vernácula (neste caso utilizar-se-á a tradução final da Bíblia Nova Versão Internacional [NVI]).⁶

O segundo passo é identificar o contexto do texto. Existem diversos “contextos” do texto, entre eles destacam-se o contexto histórico (quando foi escrito o texto), o contexto literário (as perícopé anteriores e posteriores, assim como o livro todo), o contexto cultural (identificar para qual cultura o texto foi escrito e como este foi recebido).⁷

O terceiro passo trata-se de fazer algumas análises no texto, como a análise léxica, que nada mais é do que a análise do significado das palavras que são importantes para o texto; a análise morfológica é que se trata da flexão das palavras, isto é, se estão no plural, no singular, se são substantivos, pronomes ou verbos; a análise estilística preocupa-se com a maneira que o autor utilizou para dar “vida” ao texto, seu estilo define muito o que quis transmitir; a análise sintática é o estudo da disposição das palavras e das frases na perícopé; a análise literária busca descobrir a qual gênero literário o texto escolhido pertence; por fim, a análise teológica busca entender o texto a luz do restante do texto bíblico.⁸

O quarto e último passo é a síntese. A síntese trata do resumo de tudo o que já fora feito antes na exegese, afim de buscar uma atualização para as verdades

⁴PIRES, 2005, p. 20-25, 29-31.

⁵ZUCK, 1991, p. 47.

⁶KUNZ, 2015, p. 13-20.

⁷KUNZ, 2015, p. 21-23.

⁸KUNZ, 2015, p. 23-28.

apresentadas no texto para que este possa ser aplicável aos dias hodiernos.⁹

Por questões estilísticas, neste trabalho propôs-se que haja uma inversão entre o segundo e o primeiro passo, assim trabalhar-se-á primeiramente o contexto da carta de Tiago, depois da delimitação da perícopes que escolheu trabalhar, após isso apresenta-se o texto em grego e sua respectiva tradução, em seguida serão feitas as análises relevantes para o entendimento do texto e, por fim, será apresentada uma síntese para que a mensagem desse texto possa ser relevante para os dias de hoje.

1.2 A CARTA DE TIAGO

A carta indica que ela foi escrita por um certo “Tiago, servo de Deus e do Senhor Jesus Cristo” (1.1). Há, pelo menos, quatro pessoas no Novo Testamento que tem esse nome: Tiago filho de Zebedeu, Tiago, filho de Alfeu, Tiago, pai de Judas e Tiago, irmão de Jesus. Este último tem um papel de liderança na igreja primitiva. Para Carson, o candidato óbvio para ser o autor da carta é Tiago, “irmão do Senhor” (Gl 1.19), pela sua proeminência no início da igreja cristã.¹⁰

Outro argumento que Carson utiliza para defender a autoria de Tiago, irmão de Jesus, é a semelhança entre o grego da carta e o utilizado por este em uma fala atribuída a ele em Atos 15.13-21. Além disso, essa teoria, segundo o autor, é corroborada pelo próprio Novo Testamento, testemunhos da igreja primitiva e a não existência de argumentação substancial contrária à sua autoria.¹¹

Se se admitir que Tiago, irmão de Jesus, foi o autor da carta que leva o seu nome, então o local de sua redação foi provavelmente Jerusalém, quando este ainda exercia sua liderança por lá. Desta maneira a datação da carta seria em meados de 40 d.C. (antes do Concílio de Jerusalém, 48 ou 49 d.C.).¹²

Sobre os destinatários, Vouga afirma que o “endereço “às doze tribos da Diáspora” faz dela uma circular”¹³, por isso que no Novo Testamento, a carta de Tiago se encontra entre as denominadas “epístolas gerais”, por não terem um destinatário específico mencionado na carta, o que não quer dizer que

⁹ KUNZ, 2015, p. 29-31.

¹⁰ CARSON; MOO; MORRIS, 1997, p. 454-455.

¹¹ CARSON; MOO; MORRIS, 1997, p. 455-458.

¹² CARSON; MOO; MORRIS, 1997, p. 459.

¹³ VOUGA, 1996, p. 17.

quando o autor escreveu ele não tivesse um público em mente, que no caso, aparenta ser cristãos judeus.¹⁴

Devido ao fato de que a carta de Tiago não ter nem um início “epistolar” e também uma organização sistemática, Konnings sugere que essa carta seja uma reunião de homilias do autor¹⁵. Carson, também afirma que a carta de Tiago é uma coleção de homilias, que, aparentemente, não tem uma estrutura sistemática. Porém, mesmo assim, esse autor adverte que é possível discernir 5 seções gerais, são elas: Provações e maturidade cristã (1.1-18); O cristianismo verdadeiro e as obras (1.19–2.26); Cisões dentro da comunidade (3.1–4.12); Implicações de uma conduta cristã (4.13–5.11); Exortações finais (5.12-20).¹⁶

Sobre a forma estilística que Tiago utiliza-se vale ressaltar o fato de que está pequena carta há sessenta e três *hapax legomena*.¹⁷ Também, este autor utiliza-se de “palavras-gancho” para conectar os seus diversos temas¹⁸, o que pode dificultar a delimitação de grandes trechos.

1.3 DELIMITAÇÃO DO TEXTO

Como já se observou, Carson delimita as “considerações finais” no capítulo 5, dos versículos 12-20. Dentro das “considerações finais”, pode-se observar que três temas encerram a carta de Tiago, são eles: instruções sobre os juramentos (5,12); sobre a oração (5.13-18) e; sobre a conversão dos que se desviaram (5.19-20).¹⁹

É interessante de se notar que Tiago usa sete vezes a palavra “oração” nos versículos de 5.13-18²⁰, o que mostra claramente qual a ênfase e o assunto que será tratado nesta perícope.²¹ O tema da oração já foi introduzido na carta de Tiago em 1,5-8, aqui este assunto é retomado. O texto começa com uma exortação de oração em todas as circunstâncias (v.13-14), depois fala sobre a acolhida por parte de Deus da oração (v.15a) e nos versículos 15b-16 introduz uma temática nova sobre o perdão e a confissão de pecados (porém mesmo dentro do v.16 pode-se observar a temática da oração), em seguida (v.17-18) o

¹⁴ CARSON; MOO; MORRIS, 1997, p. 460.

¹⁵ KONNINGS; KRULL, 1995, p. 9.

¹⁶ CARSON; MOO; MORRIS, 1997, p. 453-454.

¹⁷ VOUGA, 1996, p. 18.

¹⁸ KONNINGS; KRULL, 1995, p. 23.

¹⁹ BROWN; FITZMYER; MURPHY, 2011, p. 679.

²⁰ LOPES, 2006. p. 117.

²¹ MOO, 1990, p. 174.

tema da oração retorna com o exemplo de Elias, desta forma pareceu correto também a Vouga delimitar essa perícope do v.13-18.22

1.4 TEXTO GREGO DE TIAGO 5.13-18

13 Κακοπαθεῖ τις ἐν ὑμῖν; προσευχέσθω· εὐθυμεῖ τις; ψαλλέτω. 14 ἀσθενεῖ τις ἐν ὑμῖν; προσκαλεσάσθω τοὺς πρεσβυτέρους τῆς ἐκκλησίας, καὶ προσευξάσθωσαν ἐπ' αὐτὸν ἀλείψαντες ἐλαίῳ ἐν τῷ ὀνόματι τοῦ Κυρίου. 15 καὶ ἡ εὐχὴ τῆς πίστεως σώσει τὸν κάμνοντα, καὶ ἐγερεῖ αὐτὸν ὁ Κύριος· κἂν ἁμαρτίας ἦ πεποικώς, ἀφεθήσεται αὐτῷ. 16 ἐξομολογεῖσθε οὖν ἀλλήλοις τὰς ἁμαρτίας, καὶ προσεύχεσθε ὑπὲρ ἀλλήλων, ὅπως ἰαθῆτε. πολὺ ἰσχύει δέησις δικαίου ἐνεργουμένη. 17 Ἥλειας ἄνθρωπος ἦν ὁμοιοπαθῆς ἡμῖν, καὶ προσευχῆ προσηύξατο τοῦ μὴ βρέξαι, καὶ οὐκ ἔβρεξεν ἐπὶ τῆς γῆς ἐνιαυτοὺς τρεῖς καὶ μῆνας ἕξ· 18 καὶ πάλιν προσηύξατο, καὶ ὁ οὐρανὸς ὑετὸν ἔδωκεν καὶ ἡ γῆ ἐβλάστησεν τὸν καρπὸν αὐτῆς.²³

1.5 TEXTO NVI DE TIAGO 5.13-18

13. Entre vocês há alguém que está sofrendo? Que ele ore. Há alguém que se sente feliz? Que ele cante louvores.
 14. Entre vocês há alguém que está doente? Que ele mande chamar os presbíteros da igreja, para que estes orem sobre ele e o unjam com óleo, em nome do Senhor.
 15. E a oração feita com fé curará o doente; o Senhor o levantará. E se houver cometido pecados, ele será perdoado.
 16. Portanto, confessem os seus pecados uns aos outros e orem uns pelos outros para serem curados. A oração de um justo é poderosa e eficaz.
 17. Elias era humano como nós. Ele orou fervorosamente para que não chovesse, e não choveu sobre a terra durante três anos e meio.
 18. Orou outra vez, e o céu enviou chuva, e a terra produziu os seus frutos.²⁴

2. ANÁLISE DO TEXTO DE TIAGO 5.13-18

Por questões metodológicas optou-se neste trabalho fazer o terceiro passo do método histórico-gramatical dispondo cada versículo e comentando em cada um deste o que é significativo para o entendimento do texto, seja léxica,

²²VOUGA, 1996, p. 155.

²³ALAND; NESTLE, 2012, p. 659.

²⁴BÍBLIA de Estudo Arqueológica NVI, 2013, p. 2007.

sintática, morfológica ou teologicamente.

2.1 VERSÍCULO 13

No início versículo 13, Tiago destaca algumas verdades fundamentais. A primeira delas é a de que quando há problemas o cristão deve orar e não murmurar. A segunda é de que Deus muda as circunstâncias pela oração²⁵, por isso o pedido para que se ore. Lopes, afirma que Tiago, ao dar essas instruções para os seus leitores, está corrigindo um comportamento errado deles diante das adversidades, que poderia ser uma atitude de murmuração ou impaciência diante de uma situação adversa.²⁶

A segunda parte do versículo afirma que aquele que se encontra feliz deve cantar louvores, a palavra *Euthyméō* (sentir feliz), segundo Moo “não se refere circunstâncias externas, mas à felicidade e alegria de coração que se pode ter, tanto em tempos maus quanto bons”.²⁷

No grego original, “cante louvores”, é um verbo só: “*psaleto*”, que significa “brandir” ou “torcer”, contudo tal palavra veio a indicar o canto de salmos e, em seguida, qualquer cântico religioso.²⁸ Isso indica que, desde os primórdios da igreja cristã o cântico de louvores se tornou o meio pelo qual a alegria e a gratidão dos crentes se manifestava, à semelhança do povo de Israel no Antigo Testamento.²⁹

Desta maneira, pode-se concluir, assim como Bruce, que o versículo 13 indica que o verdadeiro remédio para a alma humana em tempos de tribulações não é a murmuração, mas a oração e nos momentos de alegria o ideal não é frivolidade humana, mas cantar louvores.³⁰

2.2 VERSÍCULO 14

Na pergunta que se faz neste versículo pode-se observar que o verbo utilizado para se referir ao doente (*astheneō*) às vezes pode se referir especificamente a alguém que está à beira da morte³¹, portanto indica uma certa gravidade no estado do doente. Também é interessante de se notar que na resposta

²⁵ LOPES, 2006, p. 118.

²⁶ LOPES, 2006, p. 172.

²⁷ MOO, 1990, p. 174.

²⁸ CHAMPLIN, 2014, vol. 6, p. 102.

²⁹ LOPES, 2006, p. 173.

³⁰ BRUCE, 2008, p. 2148.

³¹ BROWN; FITZMYER; MURPHY, 2011, p. 679.

utiliza-se a palavra προσκαλεσάσθω (*proskalesasthō*) no imperativo médio aoristo, revelando que a iniciativa de chamar os presbíteros deve vir da pessoa enferma.³²

Uma pergunta que pode surgir é: qual era a função do presbítero? Segundo Vouga, o presbítero ou o ancião (*presbytérous*), é o responsável da igreja local.³³ Moo aproxima a figura do presbítero com a do pastor moderno, já que “pastores” e “presbíteros” nunca são mencionados juntos numa mesma passagem e Atos 20.28 atesta que os presbíteros efésios tinham de “pastorear” suas comunidades.³⁴

Brown, concordando com os autores acima, afirma que na comunidade cristã primitiva o “presbítero” ou o “ancião” tinha uma função de autoridade associada aos apóstolos. Eles também presidiam igrejas missionárias. Este termo, portanto, não se refere a alguém com idade avançada, mas de uma posição de autoridade na igreja local.³⁵

Vouga adverte que o presbítero é enviado pela igreja não por ter algum dom especial de cura, mas por representar a igreja. Assim a igreja mostra que solidariedade para com o seu irmão doente. Representada pelos presbíteros, ela é convocada a estar unida entorno do doente para orar.³⁶

Superada está primeira dificuldade deste texto, pode-se passar a discutir o elemento que mais chama a atenção em todo o versículo, que é a questão da unção com óleo. Na Antiguidade o óleo era usado com fins medicinais e como elemento para a unção de sacerdotes³⁷; a unção com óleo não era exclusividade do cristianismo, mas era utilizado na religião judaica e na cultura pagã também³⁸, talvez seja por isso que Bruce sugere que Tiago dê essa recomendação aos cristãos para que estes não venham a ser tentados a recorrerem a práticas pagãs ou práticas supersticiosas.³⁹

Ao voltar-se o olhar para a tradição bíblica, observa-se que a unção com óleo tem vários significados como: ela pode estar ligada a cura ou purificação dos doentes (Is 1.6; Jr 8.22; Mc 6.13); sinal de honra e alegria (Dt 28.40; Am 6.6;

³² KISTEMAKER, 2006, p. 242.

³³ VOUGA, 1996, p. 156.

³⁴ MOO, 1990, p. 175.

³⁵ BROWN; FITZMYER; MURPHY, 2011, p. 679-680.

³⁶ VOUGA, 1996, p. 156.

³⁷ KEENER, 2017, p. 806.

³⁸ CHAMPLIN, 2014, vol. 6, p. 104.

³⁹ BRUCE, 2008, p. 2149.

Lc 7.36-50); sinal de eleição ou consagração de sacerdotes e reis (1Sm 10.1; Êx 28.41).⁴⁰ Assim, pode-se concluir que a unção com óleo fazia parte da cultura em que os cristãos para quem Tiago escreve estavam inseridos e da tradição a qual eles faziam parte.

Porém, qual seria o significado que Tiago gostaria de transmitir com essa ação? Essa, talvez, seja a pergunta que os exegetas têm mais debatido sobre esse texto. Diversas são as soluções que são apresentadas. Alguns estudiosos entendem que o uso do óleo era para fins medicinais naquela época, desta maneira, Tiago estaria recomendando o emprego da oração e da melhor medicina disponível.⁴¹ Outros autores já entendem que o uso do óleo aqui é apenas símbolo da ação do Espírito Santo⁴², e que o óleo é só uma “forma de encorajamento à fé do doente”.⁴³ Comentando sobre esse texto, Moo é de grande ajuda, ao constatar o porquê Tiago usa o termo *aleiphō* ao invés de *chrīō*, ao falar sobre a unção com óleo:

Por um lado, pode ser argumentado que *chrīō* é a palavra que, com maior frequência, tem implicações simbólicas e que, se Tiago tivesse tal significado em vista, ele provavelmente a teria escolhido. Todavia, por outro lado, nenhuma palavra é usada nas Escrituras com um sentido medicinal (deixando de lado, por ora, Mc 6.13 e Tg 5.14). Em Lc 10.34, onde óleo (*elaion*) tem claramente um uso medicinal, é usado o verbo *epicheō*, “aplicar”. Portanto, Tiago provavelmente optou por usar *aleiphō* aqui, porque é a palavra neotestamentária que descreve o ato físico de ungir; no Novo Testamento, *chrīō* nunca se refere à unção física (...).

Mas, apesar de Tiago descrever uma ação claramente física, não é necessário eliminar dela todo significado simbólico. Como já vimos, na Septuaginta, *aleiphō* é empregado em equivalência a *chrīō*, aplicando-se à consagração de sacerdotes (...). É melhor, então, considerar a unção referida por Tiago como um ato físico com significado simbólico. Uma vez que o simbolismo da “unção” está geralmente associado com a separação ou consagração de alguém ou alguma coisa para Deus, provavelmente devamos entender isto como o simbolismo pretendido

⁴⁰ VOUGA, 1996, p. 157.

⁴¹ LOPES, 2006, p. 120.

⁴² LOPES, 2006, p. 176.

⁴³ TAYLOR, 2006, p. 195.

na ação. Os presbíteros, ao orarem pela pessoa doente, também a separam para receber atenção especial de Deus.⁴⁴

Outro detalhe do texto é o final “em nome do Senhor”, que faz com que a unção com óleo tenha conotação espiritual, e pode ser mais uma evidência contra a alegação do uso do óleo como medicamento nesse texto⁴⁵, como afirmou Brown que “em nome do Senhor”, indica que a unção não era apenas terapêutica, mas um símbolo sobre os poderes terapêuticos de Cristo (Mc 6.13).⁴⁶ Champlin declara que “os primitivos cristãos criam que continua presente o poder de Cristo para curar, tal como nos dias de sua carne, embora ele não se faça visivelmente presente”.⁴⁷

2.3 VERSÍCULO 15

Alguns comentaristas, tendo em vista somente o versículo anterior, argumentam que há aqui nesta perícopes uma prática do dom de cura, mas é interessante notar que há aqui a ausência da imposição de mãos e a busca por alguém que tenha dom de cura, já que não pode se pressupor que todos os presbíteros tenham esse dom, que aparecem distintos na lista de 1 Coríntios 12. Dessa maneira, parece óbvio que Tiago aqui quer enfatizar a eficácia da oração, tema desta perícopes, e não o dom de cura⁴⁸, como afirma Kistemaker “a ênfase está na oração, e não no óleo”.⁴⁹

E de que oração Tiago está se referindo? Uma oração que é caracterizada pela fé, isto é, uma oração que tem a absoluta certeza de que Deus a ouvirá e que vai responde-la⁵⁰, Moo caracteriza a fé como “um compromisso inabalável e sincero com Deus”.⁵¹

O texto prossegue e afirma que a oração feita com fé “curará o doente”, a palavra para curar aqui é *sózō*, e aparece em Tiago 1.21, 2.14, 4.12 e 5.20, além deste texto. Em todos esses textos essa palavra tem um sentido escatológico e soteriológico. Isso pode indicar que a oração do ancião não pretende a

⁴⁴ MOO, 1990, p. 179-180.

⁴⁵ CHAMPLIN, 2014, vol. 6, p. 104.

⁴⁶ BROWN; FITZMYER; MURPHY, 2011, p. 679-680.

⁴⁷ CHAMPLIN, 2014, vol. 6, p. 104.

⁴⁸ BRUCE, 2008, p. 2149.

⁴⁹ KISTEMAKER, 2006, p. 240.

⁵⁰ LOPES, 2006, p. 176-177.

⁵¹ MOO, 1990, p. 180.

cura, mas a salvação⁵², porém este significado fugiria da lógica do texto, por isso, neste contexto, mesmo que no restante da carta o “salvar” refira-se exclusivamente a escatologia, a ênfase recai sobre a cura do doente⁵³. Como argumenta Champlin, “a palavra “salvar”, do grego, “*sózō*”, com frequência se revestia também do sentido de “restaurar a saúde”, segundo se vê também em Mateus 9.21 e Marcos 6.56.⁵⁴

O texto prossegue e diz que “o Senhor o levantará”, que segundo Champlin é uma forma comum para indicar a recuperação de um enfermo (Mt 9.5; Mc 1.31), mesmo que o mesmo verbo em alguns outros textos indique “ressurreição”.⁵⁵ Mais uma vez fica claro que “não é o azeite que cura o doente, mas antes o Senhor é que o levanta em resposta da oração da fé”.⁵⁶

Na última parte do versículo se diz que “e se houver cometido pecados, ele será perdoado”. É comum se ver na literatura hebraica a correlação entre doença e pecado⁵⁷, até mesmo nos Evangelhos (Mc 2.3-12 e Jo 5.14) é possível observar que a cura também está associada ao perdão de pecados.⁵⁸ O pecado, segundo Tiago define em sua carta, é resultante da cobiça do homem, e gera morte (1.15). Também é uma transgressão a lei de Deus (2.9). O pecado também é deixar de fazer aquilo que deve ser feito (4.17). Ao se tornar amigos do mundo os cristãos são tratados como pecadores que devem se purificar (4.8).⁵⁹

Tiago aqui, entretanto, não está sugerindo que há uma relação entre toda as doenças com o pecado⁶⁰, já que ele usa a partícula “se”, contemplando pessoas acometidas de doenças que não são originadas de pecado.⁶¹ Assim, não quer dizer que o presbítero, quando for visitar um enfermo, presuma que esse se encontra assim devido ao seu pecado, mas também não deve excluir essa possibilidade.⁶² É seu papel agir “como pastores de almas, sondando a consciência do enfermo e oferecendo o perdão de Deus, além da oração pela

⁵² VOUGA, 1996, p. 157-158.

⁵³ BROWN; FITZMYER; MURPHY, 2011, p. 680.

⁵⁴ CHAMPLIN, 2014, vol. 6, p. 104.

⁵⁵ CHAMPLIN, 2014, vol. 6, p. 104.

⁵⁶ HARRISON, 2019.

⁵⁷ KEENER, 2017, p. 806.

⁵⁸ BROWN; FITZMYER; MURPHY, 2011, p. 680.

⁵⁹ LOPES, 2006, p. 177.

⁶⁰ KEENER, 2017, p. 806.

⁶¹ VOUGA, 1996, p. 158.

⁶² LOPES, 2006, p. 180.

cura”.⁶³

2.4 VERSÍCULO 16

Esse texto inicia-se dizendo, “portanto, confessem os seus pecados uns aos outros”; a dúvida é como deveria ser feita essa confissão e a quem ela deve ser feita, no caso, o que seria uns pelos outros?

Sobre como a confissão deveria ser feita os autores não chegam a um consenso. Alguns autores sugerem que a confissão não deveria ser pública ou universal a todos os crentes, mas específica, respeitando o contexto que o texto relata, portanto, a confissão do doente para com o orante.⁶⁴ Já Lopes afirma que essa confissão tem que ser semelhante àquela que os convertidos por João Batista realizavam (Mt 3.6), pública e aberta. E que a confissão para uma autoridade eclesiástica não tem o mesmo efeito do que a igreja.⁶⁵ Discordando de Lopes, Harrison presume que não se trata aqui de entregar-se a confissões públicas indiscriminadas, ou a confissões particulares, mas a confissões com o objetivo que os crentes orem um pelos outros.⁶⁶

Outro problema que se levanta é a identidade de “uns pelos outros” no texto. Lopes sugere que Tiago está aplicando o que foi dito anteriormente, neste sentido, assim como um enfermo confessa seus pecados ao presbítero, a igreja deve confessar os seus pecados mutualmente.⁶⁷ Assim, da mesma maneira, Bruce entende que este texto, em conexão ao anterior, dá a entender que está prática deveria ser estendida a todos os cristãos, mesmo na ausência do presbítero.⁶⁸ Parece que Kistemaker apresenta uma posição que equilibra e responde às perguntas anteriores que o texto levanta, este autor escreve:

A quem devemos confessar nossos pecados? O texto diz “uns aos outros”. Tiago não menciona especificamente a igreja ou os presbíteros; ao invés disso, fala de confissão a nível pessoal dentro de um círculo de crentes. Ele não elimina a possibilidade de membros da igreja se confessarem para o pastor e presbíteros (v. 14). Alguns pecados envolvem todos os crentes da igreja e, assim, devem ser confessados publicamente. Outros pecados são

⁶³ LOPES, 2006, p. 180.

⁶⁴ TAYLOR, 2006, p. 195.

⁶⁵ LOPES, 2006, p. 181.

⁶⁶ HARRISON, 2019.

⁶⁷ LOPES, 2006, p. 180.

⁶⁸ BRUCE, 2008, p. 2150.

particulares e só precisam ser tratados com as pessoas diretamente envolvidas. Discernimento e restrição devem, portanto, guiar o pecador que deseja confessar seus pecados pessoais.⁶⁹

O texto de Tiago prossegue e explica o motivo da confissão de pecados mutuamente: “para serem curados”, mesmo não especificando se se trata de uma cura física ou espiritual.⁷⁰ Champlin explica que esta carta tem um pano de fundo judaico, e que na literatura dos rabinos estes exortavam que os fiéis enfermos confessassem seus pecados para facilitar a operação da cura.⁷¹

Por fim, esse versículo se encerra dizendo: “A oração de um justo é poderosa e eficaz”. Segundo Champlin, este versículo indica que a oração só é eficaz quando realizada por um ancião justo⁷², porém Keener propõe que Tiago teve uma intenção mais ousada, já que, na sabedoria judaica entendia-se que só mestres muito piedosos podiam orar por cura, aqui, na visão deste autor, Tiago estende a possibilidade de orar com fé a todos os cristãos.⁷³

2.5 VERSÍCULOS 17 E 18

Ao longo da epístola de Tiago constata-se que este faz muitas referências a personagens veterotestamentárias, como Abraão e Raabe em 2.21-25, como sendo exemplos de fé; Jó (5.11), como modelo de paciência; e aqui ele usa Elias (5.17) como um modelo de oração eficaz.⁷⁴ Kistemaker afirma que Tiago provavelmente escolheu Elias como seu exemplo porque no primeiro século este era considerado em alta estima pelos judeus e também estava recebendo, nesta época, crédito por atributos sobre-humanos.⁷⁵

O texto prossegue dizendo que Elias “orou fervorosamente” e Kistemaker explica que προσευχή προσήύξατο (*proseuchē prosēuxato*) literalmente pode ser traduzido como “orou em oração”, este recurso adverbial é utilizado para indicar a intensidade da oração, o que indica que Elias orou com seriedade⁷⁶, ou como a NVI traduziu, fervorosamente.

⁶⁹ KISTEMAKER, 2006, p. 243.

⁷⁰ KISTEMAKER, 2006, p. 244.

⁷¹ CHAMPLIN, 2014, vol. 6, p. 105.

⁷² CHAMPLIN, 2014, vol. 6, p. 105.

⁷³ KEENER, 2017, p. 806.

⁷⁴ BROWN; FITZMYER; MURPHY, 2011, p. 861.

⁷⁵ KISTEMAKER, 2006, p. 246.

⁷⁶ KISTEMAKER, 2006, p. 248.

A oração de Elias não é mencionada no Antigo Testamento⁷⁷, por isso, pode-se supor que Tiago obteve essas informações de fontes orais⁷⁸ ou em outras fontes literárias como Eclesiástico 48.2-3 ou 2 Esdras 7.109.⁷⁹

A grande lição que Tiago quer transmitir com a ilustração de Elias é a de que este profeta era um homem como qualquer um, e, que os recursos disponíveis para ele também estão para cada cristão.⁸⁰ Como afirmou Lopes, “as promessas de Deus quanto à oração não se limita às personagens bíblicas conhecidas por sua fé, mas se estendem a todos os filhos de Deus neste mundo”.⁸¹

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo da síntese é apresentar como esse texto pode ser significativo para os dias de hoje. Como já se observou em todo este trabalho, o autor de Tiago busca nesta perícopes trabalhar o tema da oração, mesmo que outros temas também sejam trabalhados.

Primeiramente, pode-se afirmar que a conduta do crente mediante ao sofrimento deve ser a oração e quando este passa por uma boa fase também deve se lembrar do Senhor. Também se observou o papel que o líder da igreja tem para com os seus que se encontram acamados, sobre o papel da unção com óleo verificou-se de se tratar de um símbolo espiritual de cura divina e que seu uso se aplica na contemporaneidade, sendo legítimo seu uso na igreja moderna se for balizado pelas Escrituras.⁸² Esse texto não desautoriza o uso da unção com óleo como ato simbólico, mas não há nada neste texto que autorize a unção por óleo de maneira pública em cultos por iniciativa do pastor, como muitas vezes se observa na igreja hodierna.⁸³

O principal assunto tratado aqui pelo autor foi a oração, viu-se como está é eficaz se for feita com fé e como a igreja tem uma função terapêutica, quando há a confissão de pecados de um para com outros mutuamente. Por fim, usando o exemplo que Tiago utiliza-se, o de Elias, constatou-se que este assim como cada cristão, é apenas humano, e que o poder não está na pessoa que ele foi, mas o poder se encontra naquele que ouviu a sua oração e que também

⁷⁷ BRUCE, 2008, p. 2151.

⁷⁸ KISTEMAKER, 2006, p. 247.

⁷⁹ MOO, 1990, p. 187.

⁸⁰ TAYLOR, 2006, p. 196.

⁸¹ LOPES, 2006, p. 184.

⁸² LOPES, 2006, p. 151-152.

⁸³ LOPES, 2006, p. 174.

houve a de cada crente. O Senhor pode tanto interromper a chuva durante anos, como também curar um doente, em resposta a uma oração de fé.

REFERÊNCIAS

ALAND, Barbara; NESTLE, Eberhard. **Novum Testamentum Graece**. 28.ed. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2012.

BÍBLIA. Português. **Bíblia de Estudo Arqueológica NVI. Tradução de Claiton André Kunz; Eliseu Manoel dos Santos; Marcelo Smargisse. São Paulo: Vida, 2013.**

BROWN, Raymond E.; FITZMYER, Joseph A.; MURPHY, Roland E. **Novo comentário bíblico São Jerônimo: Novo Testamento e artigos sistemáticos**. São Paulo: Paulus, 2011.

BRUCE, F. F. (org.). **Comentário Bíblico NVI: Antigo e Novo Testamentos**. São Paulo: Vida, 2008.

CARSON, D. A.; MOO, Douglas J.; MORRIS, Leon. **Introdução ao Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 1997.

CHAMPLIN, R. Norman. **O Novo Testamento Interpretado versículo por versículo: Volume 6**. São Paulo: Hagnos, 2014.

HARRISON, Everett F. **Comentário bíblico Moody: Mateus a Apocalipse**. São Paulo: Batista Regular, 2019.

KEENER, Craig S. **Comentário histórico-cultural da Bíblia: Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2017.

KISTEMAKER, Simon. **Tiago e Epístolas de João**. São Paulo: Cultura Cristã, 2006.

KONNINGS, Johan; KRULL, Waltraud. **Cartas de Tiago, Pedro, João e Judas**. São Paulo: Loyola, 1995.

KUNZ, Claiton André. Exegese do Novo Testamento a partir do método histórico-gramatical. **Revista Batista Pioneira** v.4, n.1, junho/2015. Ijuí: Faculdade Batista Pioneira, 2015. p. 11-38.

LOPES, Augustus Nicodemus. **Interpretando o Novo Testamento**: Tiago. São Paulo: Cultura Cristã, 2006.

LOPES, Augustus Nicodemus. O dilema do método histórico-crítico na interpretação da Bíblia. **Fides Reformata X**, n.1, 2005. São Paulo: CPPG Andrew Jumper, 2005. p. 115-138.

LOPES, Hernandes Dias. **Tiago**: transformando provas em triunfos. São Paulo: Hagnos, 2006.

MOO, Douglas J. **Tiago**: introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova, 1990.

PIRES, Carlos Alberto. **O que é hermenêutica?** Rio de Janeiro: MK, 2005.

TAYLOR, Richard S. (et. al.). **Comentário bíblico Beacon**: Hebreus a Apocalipse. Rio de Janeiro: CPAD, 2006.

VOUGA, François. **A carta de Tiago**. São Paulo: Loyola, 1996.

ZUCK, Roy B. **Basic Bible Interpretation**: a practical guide to discovering biblical truth. Colorado Springs: David C. Cook, 1991.



A Revista Batista Pioneira está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional